



REPETÊNCIA E EXCLUSÃO ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ESCOLAS PÚBLICAS DA PARAÍBA

Tâmara Delles Ferreira Pinto de Albuquerque (1); Francisco Vinicius Ferreira Gomes (2);
Leonam Amitaf Ferreira Pinto de Albuquerque (3)

Universidade Estadual da Paraíba, thamara_dellys@hotmail.com; Universidade Estadual da Paraíba, viniciusfergomes@hotmail.com; Universidade Estadual da Paraíba, leonamamitaf@hotmail.com

O fenômeno da repetência tem sido discutido há décadas por diversos estudiosos e constitui um dos problemas mais sérios existentes no sistema educacional brasileiro, tendo sido, desde o início do século XX, objeto de vários estudos. Considera-se a repetência como um aspecto cultural intrínseco à lógica da educação brasileira, por isso, tal fenômeno não pode ser concebido como decorrente do tipo de escola, pública ou privada, que os alunos estão matriculados, tampouco do nível socioeconômico de suas famílias, pois mesmo entre as pessoas que possuem um alto poder aquisitivo, cujos filhos estão matriculados em escolas particulares, as taxas de repetência são elevadas. Há 50 anos, observa-se o reinado de uma pedagogia da repetência no território brasileiro, que impede o avanço das gerações através do sistema educacional. Com base nestes aspectos, este estudo, de caráter descritivo e exploratório, sob uma abordagem qualitativa, objetiva analisar as consequências da repetência e sua influência nos processos de estigmatização e exclusão escolar e nos comportamentos dos alunos de duas escolas públicas do município de Campina Grande, Paraíba. Inicialmente, foi realizado o mapeamento institucional das referidas escolas e a observação da dinâmica das salas de aula, com o registro das impressões dos pesquisadores em um diário de campo. Em seguida, realizou-se entrevistas semi-estruturadas com dois diretores da primeira escola e com uma diretora da segunda escola, além de uma professora de cada instituição, totalizando cinco entrevistados, sendo quatro mulheres e um homem. Para a análise dos dados, procedeu-se às etapas da Análise de Conteúdo de Bardin. Os resultados encontrados apontam para a estigmatização do aluno repetente, nos discursos de professores e da gestão, posicionado como aluno-problema. Os estudantes repetentes conceberam a escola como uma instituição autoritária e excludente e demonstraram uma notável dificuldade em levantar pontos positivos e agradáveis referentes à mesma. Quanto aos professores, os educandos disseram-se desapontados com a relação professor-aluno e com a prática pedagógica dos educadores, além de relatar a escassez de comunicação com os mesmos. Sobre as consequências da exclusão escolar, os alunos disseram sentir-se “tristes”, “angustiados”, “desmotivados com as aulas” e “incompreendidos”. Por sua vez, os professores e gestores, em suas falas, atribuíram o fracasso escolar dos alunos a fatores internos aos mesmos e desconsideraram os fatores externos e a própria escola como causa. Sendo assim, conclui-se que o estigma do aluno-problema, sustentado pela escola, apenas reforça a desmotivação e o desinteresse dos estudantes em relação à instituição e a tudo que a envolve, produzindo cada vez mais casos de repetência e exclusão escolar. Os achados corroboram a literatura pertinente no que diz respeito às consequências da repetência em níveis individuais e sociais. Chama-se a atenção para a necessidade de ressignificação deste processo junto aos profissionais da educação e aos alunos e alerta-se para a necessidade de se ir além das questões individuais dos estudantes na discussão sobre os fatores que permeiam a produção da repetência, reconhecendo também a presença de determinantes institucionais e sociais.

Palavras-chave: repetência, exclusão escolar, fracasso escolar.

INTRODUÇÃO

O fenômeno da repetência tem sido discutido há décadas por diversos estudiosos e constitui um dos problemas mais sérios existentes no sistema educacional brasileiro, tendo sido, desde o início do século XX, objeto de vários estudos. Parente e Luck (2004) definem repetência como uma situação em que o aluno frequenta a mesma série no ano seguinte, ou porque foi reprovado, ou porque abandonou essa série no ano interior.

Um estudo realizado em 120 países, no ano de 2000, para se ter conhecimento da taxa de repetência da população mundial no ensino fundamental, estimou para o Brasil uma taxa de 25% de casos de repetência escolar. Em 2010, quando os mesmos países foram comparados novamente, o Brasil saiu da lista dos dez piores e ficou na 30ª posição no ranking, e a taxa de 25% baixou para 9%. Em 2012, a taxa de repetência nos primeiros cinco anos do ensino fundamental foi de 7%, fenômeno este batizado, pelo pesquisador e educador Sergio Costa Ribeiro (1936-1995), de pedagogia da repetência (GOIS, 2014).

Ribeiro (1990) compreende a repetência no Brasil como um aspecto cultural intrínseco à lógica da educação brasileira. Segundo o autor, tal fenômeno não pode ser concebido como decorrente do tipo de escola, pública ou privada, que os alunos estão matriculados, tampouco do nível socioeconômico de suas famílias, pois mesmo entre as pessoas que possuem um alto poder aquisitivo, cujos filhos estão matriculados em escolas particulares, as taxas de repetência são elevadas. Há 50 anos, observa-se o reinado de uma pedagogia da repetência no território brasileiro, que impede o avanço das gerações através do sistema educacional (EARP, 2010).

Apesar de a repetência, sua legitimação social e cultural e suas consequências terem dominado o debate educacional brasileiro no final dos anos 80 e no início dos anos 90, desde o final destes, não tem sido esquecido por um só momento, tal fenômeno tem relativamente ocupado pouco espaço no debate educacional atual (OLIVEIRA; SOARES, 2012).

Segundo Ortigão e Aguiar (2013), apesar de ter sido anteriormente compreendida enquanto uma prática positiva, a repetência é questionada na contemporaneidade por inúmeras pesquisas e políticas educacionais, principalmente, em função de suas consequências sociais negativas. Esta é reconhecida como um fenômeno social complexo, em cuja produção interagem características das escolas e das práticas e políticas escolares. A repetência também afeta o processo de escolarização e o aprendizado dos alunos, contribuindo diretamente para a defasagem entre a idade e a série, pela evasão escolar e pelo afastamento do aluno de seu grupo etário de referência.

Mesmo com todos os avanços no âmbito da educação, a pedagogia da repetência está tão presente em nosso sistema escolar que se tornou lugar comum culpar o aluno por não ter aprendido o conteúdo ou ainda valorizar o professor cujos alunos não conseguem aprovação em sua disciplina. Com base nestes aspectos, este trabalho se propõe a analisar as possíveis consequências da pedagogia da repetência e sua influência nos processos de estigmatização, exclusão escolar e nos comportamentos dos alunos.

Desse modo, este trabalho poderá contribuir para o debate em torno da questão da repetência enquanto fenômeno que gera processos de exclusão na escola, tendo como subsídio o diálogo com a literatura científica nesta área, além de colaborar para novas reflexões sobre essa temática que ainda é tão presente no cotidiano das escolas brasileiras.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter descritivo e exploratório, sob uma abordagem qualitativa, realizado em duas escolas públicas do município de Campina Grande, Paraíba. Inicialmente, foi realizado o mapeamento institucional das escolas, seguido pela observação da dinâmica da sala de aula, com o registro das impressões dos pesquisadores em um diário de campo, entrevistas semi-estruturadas com as diretoras e com uma professora de cada escola, contendo os seguintes questionamentos: Os alunos da instituição apresentam dificuldades? Quais são as estratégias utilizadas por vocês para auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos?

Para Minayo (2007), a pesquisa qualitativa opera com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2007).

A pesquisa exploratória segundo Gil (2007) é caracterizada por proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Envolve um levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão do fenômeno.

Ainda conforme este autor, a pesquisa descritiva, busca descrever as características de determinadas populações ou fenômenos. Uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Para análise dos dados, procedeu-se às etapas da Análise de Conteúdo de Bardin (2012). Este método compreende um conjunto de técnicas de análise de comunicações que enaltece a importância da semântica para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, inicialmente, foi feita a pré-exploração ou leitura flutuante do material encontrado, em seguida, foi realizada a seleção de unidades de análise e, por fim, o processo de categorização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados encontrados apontam para a estigmatização do aluno repetente, nos discursos de professores e da gestão, posicionado como aluno-problema. Os estudantes repetentes conceberam a escola como uma instituição autoritária e excludente e demonstraram uma notável dificuldade em levantar pontos positivos e agradáveis referentes à mesma.

Quanto aos professores, os educandos disseram-se desapontados com a relação professor-aluno e com a prática pedagógica dos educadores, além de relatar a escassez de comunicação com os mesmos: “eles chegam, abrem o livro ou vão logo escrevendo no quadro... sequer olham pra gente”. Sobre as consequências da exclusão escolar, os alunos disseram sentir-se “tristes”, “angustiados”, “desmotivados com as aulas” e “incompreendidos”. Por sua vez, os professores e gestores, em suas falas, atribuíram o fracasso escolar dos alunos a fatores internos aos mesmos e desconsideraram os fatores externos e a própria escola como causa.

As reflexões aqui levantadas foram realizadas a partir das experiências dos autores como alunos de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, durante estágio de prática educacional da disciplina Psicologia e Educação, realizado em duas escolas públicas, municipal e estadual, da cidade de Campina Grande, Paraíba. A escolha do tema ocorreu em razão da preocupante existência, em ambas as escolas, de salas de aula cujos alunos são todos repetentes.

O modelo de Fluxo Escolar proposto pela UNESCO e utilizado pelo Ministério de Educação/MEC define o aluno repetente como aquele que se matricula, no início do ano letivo, na mesma série em que estava matriculado no ano anterior. Todavia, foi somente na década de 1990 que se perceberam alguns equívocos quanto à conceituação de repetência. Desde então, considera-se repetente todo aluno que frequenta a mesma série, no ano seguinte, por ter sido reprovado ou por ter abandonado essa série no ano anterior, passando a incluir no conceito de repetência aqueles alunos que abandonam a escola quando percebem que poderão ser reprovados (PARENTE; LUCK, 1994).

Soma-se a este fato o discurso atribuído por professores e gestores aos estudantes destas turmas enquanto alunos-problema. Os defensores da não-repetência argumentam que além da retenção do aluno não garantir um maior aprendizado, é prejudicial em termos comportamentais e emocionais (JIMERSON et al., 1997).

O estigma de aluno-problema foi evidenciado no discurso da gestão: “só ficam conversando”; “não querem nada”; dos professores: “é a pior sala”; e dos próprios alunos: “dizem que somos a pior turma da escola”. Segundo Barros (1998), quando incorporado pelos sujeitos identificados, esse estigma incide diretamente sobre a autoestima e a motivação dos alunos, além de favorecer a discriminação por todos os membros da escola.

Duarte (2016) aponta a repetência como possível potencializador de comportamentos indisciplinados, frutos de uma baixa autoestima e do desenquadramento por não se sentir acolhido pela escola.

Os estudantes repetentes conceberam a escola como uma instituição autoritária e excludente. Conforme Azevedo (2012), a repetência é o principal fator que leva à exclusão escolar, sendo considerada como um dispositivo disciplinar que corrige e normaliza. Todavia, quando começa a ser construída como um fator de exclusão, precisa ser revista ou ressignificada pela escola.

Os alunos apresentaram enorme dificuldade em demonstrar pontos positivos e agradáveis referentes à escola. Era tão forte a representação de escola enquanto algo negativo que os mesmos tinham dificuldade de imaginar uma escola diferente da que frequentavam. Segundo Duarte (2016), a repetência cria, em muitos alunos, uma elevada dose de desmotivação e de desinteresse face à escola e a tudo que a envolve.

Os estudantes mostraram-se desapontados com a relação-professor e com prática pedagógica dos professores. A forma como o professor vê o aluno acaba muitas vezes por determinar a sua interação com ele, influenciando necessariamente na auto-imagem do segundo e nas representações que este tem a respeito de si mesmo, de seu desempenho e de suas possibilidades de aprendizagem (VASCONCELOS; MATTOS, 2009).

Também relataram a falta de comunicação com os docentes: “eles chegam, abrem o livro ou vão logo escrevendo no quadro... sequer olham pra gente”. Percebemos por estas falas, que o estigma provoca a invisibilidade dos alunos na dinâmica da interação durante as aulas. Para Mascarenhas (2011), a invisibilidade desses sujeitos advém de marcadores sociais atribuídos a repetência e das expectativas e representações de professores sobre estes alunos.

Sobre as consequências da exclusão escolar, os alunos disseram sentir-se “tristes”, “angustiados”, “desmotivados com as aulas” e “incompreendidos”. A estigmatização da

repetência prejudica o autoconceito e o relacionamento social do aluno (SOARES, 2007). Todos esses fatores podem levar ao que chamamos de evasão escolar.

De acordo com Castro (2012), quando o aluno é rotulado como fracassado, suas habilidades cognitivas são reprimidas, juntamente com a autonomia de pensamento, fazendo com que, de maneira inconsciente, as capacidades dos estudantes não sejam valorizadas nem por ele nem pelos outros. Assim, os estudantes estigmatizados ficam conhecidos como trabalhadores e repetentes, passando a não merecer a atenção da escola. Suas histórias de vida são abandonadas e em troca ainda recebem “as verdades” que a escola determinou.

Os professores e a direção atribuem o fracasso escolar aos fatores internos aos alunos, não se referindo a fatores externos e à escola. Patto (1999) formulou importantes contribuições no sentido de romper com o estigma de que o fracasso escolar é culpa do aluno ou de sua família. Ele alerta para a presença de determinantes institucionais e sociais na produção deste quadro, rompendo, assim, com as visões psicologizantes que se tornaram comuns nas falas e nas práticas dos educadores.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, através da análise dos fragmentos de discursos dos professores e dos gestores de ambas as escolas, foi possível perceber a estigmatização do aluno repetente enquanto aluno-problema, ao passo que, por sua vez, os estudantes conceberam a escola como uma instituição autoritária e excludente. Todavia, por meio da análise dos depoimentos dos alunos, compreende-se que o estigma do aluno-problema apenas reforça a desmotivação e o desinteresse em relação à escola e a tudo que a envolve, sendo a repetência vista como um fator de exclusão e não como uma possibilidade de melhora no rendimento escolar.

A escola deve ser um agente da transformação e da promoção da igualdade, objetivando o sucesso escolar de todos os alunos. Diante disto, chama-se atenção para a necessidade de ressignificação do processo de repetência junto aos profissionais da educação e aos alunos. Alerta-se também para a presença dos determinantes institucionais e sociais na produção da repetência, para além de questões individuais dos estudantes, a fim de romper as visões psicologizantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2012.

BARROS, Ricardo Paes; MENDONÇA, Rosane. **Consequências da repetência sobre o desempenho educacional**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

CASTRO, Paula Almeida de. O estigma no espaço escolar: a prática dos conselhos de classe. **Revista Reflexão e Ação**, Rio Grande do Sul, v. 19, n. 2, p. 158-172, dez. 2011.

DE AZEVEDO, Graciele Martini. **A repetência escolar no discurso acadêmico da ANPED**. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, 2012.

DUARTE, Rute Campos Almeida. **O efeito da reprovação na motivação dos alunos**. 2016. 122 f. Dissertação (Mestrado de Especialização em Administração das Organizações Educativas) – Instituto Politécnico do Porto, Escola Superior de Educação, Porto, 2016.

EARP, Maria de Lourdes Sá. A cultura da repetência em escolas cariocas. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 65, p. 613-632, dez. 2009.

_____. Relato de um instrumento de análise da sala de aula em construção. **Revista Educação em Foco**, Minas Gerais, v. 15, n. 1, p. 127-149, ago. 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOIS, Antônio. **Pedagogia da repetência**. O Globo, 2004. Disponível em <http://oglobo.globo.com/sociedade/pedagogia-da-repetencia-14298101>. Acesso em 04 set. 2016.

JIMERSON, Shane. et al. A prospective, longitudinal study of the correlates and consequences of early grade retention. **Journal of School Psychology**, Dekalb, v. 35, n. 1, p. 03-25, mar. 1997.

LÜCK, Heloísa; PARENTE, Marta. **A aceleração da aprendizagem para corrigir o fluxo escolar: o caso do Paraná**. Brasília: IPEA, 2007.

MASCARENHAS, Maíra. Entre quatro paredes: a relação professor-aluno e a produção da desigualdade em sala de aula. **Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, Paraná, 2011.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

OLIVEIRA, Luís F. Batista de; SOARES, Sergei S. D. **Determinantes da repetência escolar no Brasil: uma análise de painel dos censos escolares entre 2007 e 2010**. Brasília: IPEA, 2012.

ORTIGÃO, Maria I. Ramalho; AGUIAR, Glauco Silva. Repetência escolar nos anos iniciais do ensino fundamental: evidências a partir dos dados da Prova Brasil 2009. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 94, n. 237, p. 364-389, ago. 2013.

PARENTE, Marta M. de Alencar; LÜCK, Heloísa. **Mecanismos e experiências de correção do fluxo escolar no ensino fundamental**. Brasília: IPEA, 2004.

RIBEIRO, Sérgio Costa. A educação e a inserção do Brasil na modernidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 1, n. 84, p. 63-82, fev. 1993.

RIBEIRO, Sérgio Costa. A pedagogia da repetência. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 12, p. 7-21, ago. 1991.

SOARES, Sergei S. Dillon. **A repetência no contexto internacional: o que dizem os dados de avaliações das quais o Brasil não participa?** Brasília: IPEA, 2007.

SOUZA, André Portela de. et al. Fatores associados ao fluxo escolar no ingresso e ao longo do ensino médio no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Brasília, v.42, n.1, p. 5-39, abr. 2012.

VASCONCELLOS, Suziane de Santana; MATTOS, Carmen L. Guimarães de. A inclusão e a exclusão escolar de alunos e alunas do ensino fundamental pela interação entre professor e aluno. **Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, Paraná, p. 10.248-10.258, 2009.